

A matemática também não pode nos deixar esquecer dos casos como o de “Paula”, mulher negra com feições de linda matriz africana, que com olhos marejados, nos relatou seu sofrimento silencioso. Em geral, era a pessoa de pele mais preta dia após dia nos ônibus que pegava no transporte público. À medida que o veículo ia enchendo e os demais passageiros escolhendo quais assentos ocupar, dentre todos os assentos vagos, o último assento a ser ocupado era sempre aquele que sobrava ao seu lado. Por quê o seu banco era sempre ignorado? Que mal ela fazia para que as pessoas não quisessem sua companhia ao longo do trajeto? Por que seguia só, como uma presença indesejada?

Nem fique esquecido também o caso de “Breno”, rapaz alto, garboso e negro, que, estando sentado no banco de passageiro em carro importado de amigo, alertou aos demais passageiros, ao se aproximarem a uma blitz: “vão nos parar!”. O motorista, dono do carro, em tom de descrédito, afirmou que não se preocupasse – pois isso nunca havia acontecido. Mas dito e feito. A experiência fez todos acreditarem que a presença ali, de um corpo jovem negro, teria motivado a abordagem policial. São alguns dos casos dos quais fui testemunha ocular, das muitas pequenas e grandes violências que nossa sociedade comete diariamente contra cidadãos (Cortez Costa et al., 2015) tão honrados no caráter e tão merecedores de dignidade no tratamento quanto quaisquer um de nós outros. Experiência dura para quem a vive na pele todos os dias – para citar apenas algumas situações cotidianas e absurdamente reais que, sim, existem ao contrário do que um imaginário progressista de nossa sociedade possa nos levar a crer. São casos que sequer tangenciam os casos inexplicados de perdas de vidas de jovens estudantes de baixa renda em comunidades carentes, e os prantos daquelas mães mulheres e negras que enterram os próprios filhos, sem o acalanto de um “adeus”, o motivo de um “porquê”, nem mesmo uma assunção de culpa da parte de seus algozes, para que pudessem sequer, talvez, cogitar a paz que poderia haver em “perdoar”.